

Banco do Brasil apresenta e patrocina



**9 de novembro de 2022  
a 27 de março de 2023**

Segunda e quarta a sábado – 9h às 21h  
Domingo – 9h às 20h  
Terça – Fechado

**ENTRADA GRATUITA**

Retire seu ingresso na bilheteria  
ou no site [bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

**CENTRO CULTURAL  
BANCO DO BRASIL**

Rua Primeiro de Março, 66  
Centro – Rio de Janeiro-RJ  
20010-000 | tel. (21) 3808-2020

# Walter Firmo

## no verbo do silêncio a síntese do grito

[bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura) | [twitter.com/ccbb\\_rj](https://twitter.com/ccbb_rj) | [facebook.com/ccbb.rj](https://facebook.com/ccbb.rj) | [instagram.com/ccbbrij](https://instagram.com/ccbbrij)

SAC 0800 729 0722 – Ouvidoria BB 0800 729 5678 – Deficientes Auditivos ou de Fala 0800 729 0088



Gaudêncio da Conceição, quilombola da comunidade do Angelim, Ticumbi em Festa de São Benedito, Conceição da Barra, ES, c. 1989

Banco do Brasil apresenta “Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito”, retrospectiva composta por mais de 260 imagens criadas pelo renomado fotógrafo carioca em seus mais de 70 anos de atuação. Com curadoria de Sergio Burgi e Janaina Damaceno Gomes, a exposição esteve em cartaz no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, e inaugura a parceria entre a instituição e o Centro Cultural Banco do Brasil, seguindo do Rio de Janeiro para Brasília e Belo Horizonte.

Firmo é responsável por fotografias icônicas – que revelam desde personalidades da música popular brasileira a anônimos –, captadas com uma sensibilidade ímpar, que se potencializa na sua identificação com as pessoas, os lugares e as situações retratadas.

Essa intimidade magnetiza o olhar do público em um passeio de cores, ângulos e luminosidade que desperta uma empatia única, ativa memórias e faz o espectador se reconhecer na poesia do cotidiano construída pelo artista, do fotojornalismo às festas folclóricas tradicionais.

Ao realizar esta exposição, em parceria com o IMS, o Centro Cultural Banco do Brasil presta homenagem a um dos expoentes da fotografia brasileira contemporânea e possibilita ao público o acesso a obras de reconhecido valor artístico e documental, promovendo a conexão dos brasileiros com a cultura.

**Centro Cultural Banco do Brasil**



Pixinguinha, Rio de Janeiro, RJ, 1967

## Walter Firmo: desajustar a realidade, reajustar o Brasil

Walter Firmo é um nome de referência na fotografia brasileira. Ao longo de sua trajetória, fotografou tanto o que estava próximo, nas cidades e nas periferias das metrópoles, como chegou às lonjuras deste imenso país, à sua “Amazônia de ninguém”, aos ritos e às festividades populares do Nordeste, buscando ancestralidades, construindo retratos, enquadrando paisagens, revelando cotidianos, interpretando o Brasil como poucos o fizeram de forma tão coerente, abnegada e corajosa. Revelou as cores de um país, nessa sua paleta infinita, sempre ciente de que “o Brasil é um desvario de cor”, ao reivindicar, numa brasilidade profunda, o esquecimento do “olho europeu e americano”.

A sua condição de fotógrafo, quantas vezes em missão comissionada, jamais diminuiu o programa rigoroso e emancipatório do artista que subverte as regras do jogo que pratica, exemplificando no seu fazer uma peculiar teoria da fotografia, que soube construir enquanto crítica da noção de realidade e objetividade fotográficas, combatendo qualquer pretensão de uma neutralidade fotográfica num mundo onde tão pouco a neutralidade existe. Em cada fotografia, Firmo convida o espectador à “reflexão imediata sobre a realidade exibida e sobre o próprio ato de fotografar”, consciente de que “o poder do olhar deve influenciar as pessoas porque o ato de fotografar tem que ser político, e não um mero acaso instantâneo”.

O Instituto Moreira Salles guarda e preserva nos seus acervos, em regime de comodato, o extenso arquivo de Walter Firmo, sendo esta exposição um momento relevante para a construção de um ponto de vista sobre esse arquivo, impulsionando a sua divulgação e propondo linhas de leitura e de interpretação. É uma ocasião rara para percorrer o trabalho do fotógrafo, reunindo quase três centenas de imagens, apresentadas inicialmente na sede do IMS em São Paulo.

A exposição chega agora ao Rio de Janeiro, cidade natal de Walter Firmo, através desta importante parceria entre o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ) e o Instituto Moreira Salles (IMS RJ), que se inicia com este projeto e que, ao longo dos próximos quatro anos, permitirá a apresentação ao público carioca de outras importantes exposições desenvolvidas pelo IMS, enquanto nossa sede na Gávea permanecer fechada para obras de expansão de suas áreas de acervo e expositivas, para, após este período, voltarmos a receber o público no IMS RJ em instalações renovadas e significativamente ampliadas. Uma palavra particular de reconhecimento e agradecimento é devida, portanto, de nossa parte,

ao CCBB RJ e sua direção e equipe, pelo acolhimento desta proposta de parceria em prol da cultura e das artes na cidade do Rio de Janeiro. Agradecemos igualmente a todas e todos que, no IMS e no CCBB RJ, possibilitaram esta realização.

Exprimimos por fim a nossa incomensurável gratidão a Walter Firmo. Toda a sua vida e todo o seu trabalho são um ensinamento único para aprendermos, através do seu olhar, a desajustar a realidade para reajustar o Brasil. Agradecemos todo o carinho e o imenso entusiasmo com o qual acolheu e acompanhou este projeto, toda a confiança que em nós depositou para a construção deste olhar sobre a sua obra, que esperamos possa ser condigno da admiração com que agora a homenageamos e a divulgamos.

**Marcelo Mattos Araújo**

Diretor-Geral

Instituto Moreira Salles

**João Fernandes**

Diretor artístico

Instituto Moreira Salles



Festa de São João, Cachoeira, BA, c. 1975

Walter Firmo se utiliza de recursos estéticos que reforçam o caráter político de sua produção visual, como a encenação, o uso expressivo das cores, o retrato, a nomeação dos sujeitos e a temática – família importa, amigos importam, amores importam, cotidiano importa, celebrar importa, iconicidade importa.

Em texto de 1989, publicado no livro *Walter Firmo – Antologia fotográfica*, o fotógrafo descreve, em terceira pessoa, seu compromisso e engajamento de longa data com a superação do racismo estrutural vigente no país:

Desde a década de 1960, fotografa a comunidade negra brasileira, prestando serviços a uma causa social que considera insuspeita. Já híbrido de José e Maria – seus pais –, trabalha esta sociedade silenciosamente

na discrição de um monge, sem nenhum alarde, induzindo orgulho, altivez e dignidade aos negros brasileiros. Este anseio de justiça remonta aos idos de Irajá, quando gerado, e, nascido em São Cristóvão, menino ainda, viveu nas portas abertas das ruas de Cordovil, Madureira, Parada de Lucas, Vila Rosely, Vaz Lobo, Oswaldo Cruz, Marechal Hermes, Coelho Neto, Bangu, Nilópolis e Cachambi – toda sedução, enlevo e magia, sob o sol e estrelas suburbanas, horizontes encantados no seu olhar infantil.

A trajetória visual de Walter Firmo tem origem, sobretudo, na Zona Norte do Rio de Janeiro, seu lugar de origem e lugar de uma sociabilidade privilegiada da comunidade negra, especialmente através do samba, outra Pequena África na cidade, assim como as tantas que encontrou em suas viagens pelo mundo.



Funcionários da casa de Lily Marinho, Rio de Janeiro, RJ, c. 1976

A fotografia de Walter Firmo projeta realidades possíveis, destinos possíveis para cada um de nós. Talvez por isso seus retratos tenham se tornado clássicos. Clementina de Jesus, Pixinguinha, Dona Ivone Lara, Cartola, Candeia, Ismael Silva são, em seus dizeres, “ícones do povo”. A noção de “ícone” vem do campo religioso. São imagens de adoração, que, como destaca Nicole Fletwood, não são “apenas uma representação do sagrado, mas elas mesmas um modo de oração”. Para a autora, os ícones negros, que na cultura popular são as celebridades com poder de permanência no circuito cultural, fazem “parte da produção e da circulação de uma narrativa racial” sempre em disputa.

Se, numa sociedade racista, a norma é o ódio e o auto-ódio, como nos mostram os trabalhos de autores como bell hooks, Frantz Fanon e Virgínia Bicudo, amar a negritude compreende um percurso necessário de cura. Não é à toa que Firmo define a cor em

seu trabalho em termos de amorosidade, voltada diretamente para o povo preto, mas também para os outros sujeitos que elegeu fotografar, pois o direito a olhar é um direito de olhar, de se autoinscrever e nomear o mundo.

Uma diferença entre Firmo e outros fotógrafos é a amplitude do que fotografou. Tendo acesso a todas as regiões do país, dialogou tanto com a cultura urbana quanto com a cultura rural brasileira, em suas mais distintas dimensões, mostrando a complexidade da composição racial/cultural brasileira e a multiplicidade negra em seus mais variados contextos.

Certamente ter as primeiras lições de fotografia em casa, com seu pai, José, um homem negro amazônico cosmopolita, teve um impacto profundo nas tentativas de autoinscrição de Walter Firmo. Talvez ali tenha brotado também uma lição dessa amorosidade reivindicada por ele e por autoras negras, como bell hooks.



Praia da Macumba, Rio de Janeiro, RJ, 1994



Tio de Walter Firmo (Daniel Baptista), Loirá, PA, 1970

Walter Firmo realizou no Brasil, em meados dos anos 1960, procedimentos e investigações no campo da linguagem que o colocam numa perspectiva muito próxima, por exemplo, de trabalhos como os do fotógrafo canadense Jeff Wall, em especial aqueles que recorrem à teatralidade e à encenação. Tomando como referência direta obras clássicas da pintura – em Firmo, as de Alberto da Veiga Guignard e Heitor dos Prazeres; em Wall, as de Eugène Delacroix e Edouard Manet –, muitos dos trabalhos de ambos são construções de retratos e cenas, elaboradas conscientemente pela fusão da encenação e da direção de cena com a frontalidade e a singularidade da documentação figurativa e direta, característica do processo fotográfico.

Essas imagens incorporam um tempo expandido que se contrapõe à instantaneidade e à fragmentação narrativa do registro documental direto, abolindo a presença do extracampo e a necessidade de contextualização da imagem testemunho. Elas realçam, em contraposição, a qualidade dos elementos eminentemente pictóricos dentro do campo da imagem, organizados pelo autor e cui-

dadosamente dispostos em torno de uma narrativa teatralizada e preconcebida.

Nesse processo, Firmo construiu muitas de suas imagens organizando e justapondo, a céu aberto ou em espaços interiores, personagens, fundos e objetos, retratados em configurações específicas. Cenas dirigidas por ele, sempre afetuosas, intensas e vibrantes, produzem imagens icônicas, como as de Pixinguinha, João da Baiana e Clementina, realizadas para uma reportagem sobre o samba carioca publicada na revista *Manchete* em 1967. Ou ainda os retratos de seus pais, acompanhados dos netos, baseados nos quadros *Família do fuzileiro naval* (1935) e *Os noivos* (1937), de Alberto da Veiga Guignard.

Também são icônicos muitos de seus retratos de personagens menos conhecidos ou anônimos, como a imagem em preto e branco do pescador na cadeira de balanço, trazendo para o campo do pictórico uma proposição formal e criativa a ser desvendada e estabelecida no confronto e no diálogo entre a obra e o observador/espectador. Encenação, singularidade e vernacularidade se fundem na linguagem poética construída por Firmo ao longo de sua trajetória.



Missa no povoado de Iauaretê, Alto Rio Negro, AM, 1963



Festa de Bom Jesus da Lapa, BA, 2001

O trabalho de Walter Firmo não pode ser entendido como um discurso simples de elogio da brasilidade, da cultura popular, do nacional, da mestiçagem ou da assimilação. Seu trabalho nos mostra o que fizemos de nós mesmos, nas condições mais duras e extremas de racismo e de desigualdade. Mais do que uma memória da nação, o trabalho de Firmo faz parte de um “arquivo fotográfico da diáspora”, como indica Tina Campt, ou também num patrimônio da diáspora negra, como nos lembra Suely Carneiro. Uma diáspora transatlântica, registrada por Firmo no Brasil e em viagens para Cuba, Jamaica, EUA e Cabo Verde, através de imagens, aqui reunidas, que

mostram que o arquivo daquilo que a população negra se tornou a partir de sua jornada diaspórica deve ser lido como patrimônio da história negra global.

Admirar as cores de seu trabalho por si só é algo estéril. É preciso, antes de tudo, ter compromisso político com as personagens apresentadas. Diante dessas imagens, precisamos nos perguntar se é possível universalizar a humanidade a partir das personagens negras que Firmo apresenta ou se é preciso recorrermos sempre às ideias de nacional, de mestiçagem, de brasilidade como uma forma de licença para poder admirar a sua obra sem ferir os brios coloniais da branquitude.



Havana, Cuba, 1992

Walter Firmo estava com 30 anos quando foi passar uma temporada em Nova York, como correspondente da revista *Manchete*. Um dia, o chefe de redação mostrou a Firmo uma mensagem que tinha recebido de um jornalista que estava no Brasil. Nela, o jornalista dizia não entender como a Editora Bloch podia ter enviado como correspondente internacional um “mau profissional, analfabeto e negro”.

A reação diante desse episódio explícito de racismo veio em forma de indignação e de uma adesão direta ao *slogan black is beautiful* [preto é lindo!], que ocorreu em dois níveis: em seu próprio corpo, pela adoção do penteado afro; e em sua fotografia, ao construir ao longo dos últimos 50 anos, uma das mais belas trajetórias visuais dedicadas à população negra em todo o mundo. Em uma reportagem publicada em 2011 na *Gazeta do Povo*, Firmo declarou:

Era a época da pílula, dos Beatles, do Woodstock, do ‘negro é bonito’. Deixei meu cabelo crescer, e comecei a parte política do meu trabalho. Fui para as ruas, para as fábricas, para as festas profanas e para os músicos, sempre dando ênfase para a negritude. Mas mi-

nha postura nunca foi de usar o verbal, discursar em uma mesa. Trabalho numa linguagem muda. A fotografia se apropria disso. Através dessa sutileza, posso fazê-la gritar.

Morando nos Estados Unidos em 1967, no auge do debate sobre direitos civis, Firmo entrou em contato com o trabalho de fotógrafos negros, como Gordon Parks e, em poucos anos, sua obra junto com a de Parks, James Van Der Zee, Moneta Sleet, Carrie Mae Weems, Januário Garcia, Peter Magubane, Seydou Keita, Santu Mofokeng, Rotimi Fani-Kayode, entre outros, mudou a história da fotografia mundial.

Assim como eles, Firmo entende que é necessário “amar a negritude”, como propõe bell hooks. A autora explora o impacto das *imagens odiosas* sobre o negro na construção de nossa subjetividade e afirma que é imperativo uma *mudança no campo da produção visual* que permita que pessoas negras possam acessar um repertório mais amplo de representação de si. Firmo e os outros fotógrafos citados são algumas das pessoas que tiveram e tem papel decisivo na construção dessa mudança.

*“Hoje este país é uma forja fotográfica,  
nascida generosamente no gesto benfazejo  
da luz tropical, impermeabilizando nossa  
gente e revelando quimeras oníricas,  
telúricas. E, se esta luz ‘estourada’ perpassa  
sombrias translúcidas – num outro código –,  
revela-se, em plena claridade, nova relação  
do homem com o tempo. Luxuriante,  
afrodisíaca, a cor brasileira transa sua  
sensualidade qual libertina, expelindo clarões  
despudoradamente lascivos, vitrificando  
tonalidades nos canteiros das cinco regiões.”*

WALTER FIRMO



Cachoeira, BA, c. 2000

Iconicidade, luz e transcendência estão presentes na obra de Firmo tanto em retratos individuais e autônomos de alta força simbólica como também em diversas imagens com características recorrentes. Passíveis de eventuais justaposições e resultado do exame e do estudo de seu vasto acervo, surgem mosaicos constituídos por diferentes imagens, em especial das festas populares de matriz afrodescendente. Muitas vezes, Firmo compõe essas fotografias por meio de recortes, grafismos e contrastes intensos de cores e luzes, formando por aposição novos grafismos e diálogos imagéticos impregnados de rastros.

Esses rastros, como sugere Vanessa R. L. de Souza, são “de uma África antiga e desconstruída devido a conflitos internos gerados por ocupações inglesas, alemãs, belgas, francesas etc. Rastros de memórias coletivas ou individuais trazidas por cada escravizado que chegava ao Brasil. Rastros de conhecimentos transmitidos através da tradição oral. Rastros de inventividades negras produzidas no Brasil durante séculos, a partir da experiência no chamado Novo Mundo.”

Em sua fotografia, Firmo intui e concebe tanto o poder de síntese narrativa da imagem única,

construída, encenada e teatralizada, como também a força do registro documental direto e narrativo quando utilizado como olhar a contrapelo, olhar de oposição, contravisualidade, construindo, por meio da fotografia em suas múltiplas vertentes, as sintaxes e sínteses de mensagens capazes de penetrar as estruturas sociais e culturais, transformando-as.

Em diálogo direto com seu processo específico de produção de imagens, está sua escolha pela utilização de filmes fotográficos diapositivos coloridos (*slides* e cromos), um processo fotográfico analógico que melhor representa a gama e amplitude das diferentes intensidades de luz e saturações de cor. As imagens são avaliadas, selecionadas e editadas pelo autor, depois do processamento em laboratório, diretamente sobre “mesas de luz” desenhadas especificamente para esse fim. Um processo realizado em todas suas etapas em torno e através da própria luz. Como ressalta Firmo, “trabalhar essa luz é ostentar o viço do esplêndido, desfrutando coloridamente todos os cenários e seus fundos infinitos, na pompa e no fausto cotidiano que o paraíso é aqui”.

Esta sala da exposição é dedicada exclusivamente à fotografia em preto e branco de Walter Firmo. É uma oportunidade única de fruição dessa sua produção ainda pouco conhecida e em grande parte inédita, em especial em suas dimensões estéticas, formais e autorais, estabelecendo um diálogo direto com sua vasta produção em cores, presente nas demais salas da mostra.

A cor é certamente uma das características centrais da obra de Firmo, mas não a única. Ao compreender a produção visual como ato político, é na expressividade de suas imagens por intermédio da encenação, das cores, da vocação retratista, da nomeação dos sujeitos, da temática (família importa, amigos importam, amores importam, cotidiano importa, celebrar importa, iconicidade importa) que ele mostra como “nossas vidas são complexas”.

Como pode ser constatado nas imagens aqui reunidas, sua produção em preto e branco percorre os mesmos compromissos do artista com a negritude. Firmo realiza séries notáveis, como as imagens do universo da música popular, que incluem imagens de Clementina de Jesus, Pixinguinha e Cartola, entre outros, muitas delas reunidas em vídeo nesta sala. Realizadas na primeira metade dos anos 1960, antecedem as imagens icônicas em cores desses mesmos artistas, que Firmo viria a realizar anos depois.

Essas imagens dialogam com as demais séries em preto e branco, que percorrem os universos de afetividade e força pessoal e cultural dos indivíduos retratados, bem como das manifestações e festas populares em várias regiões do país. Elas revelam em Walter Firmo tanto o poder de síntese narrativa

da imagem única, construída, encenada e teatralizada, como também a força do registro documental direto e narrativo quando utilizado como olhar a contrapelo, olhar de oposição e contravisualidade.

Outras séries fundamentais em seu trabalho, como aquela produzida no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 na praia de Piatã, em Salvador, são mostradas pela primeira vez nesta exposição. No reduto de lazer da população preta da capital baiana, Firmo fotografa ao longo de vários anos, em formato 6 × 6 cm, cenas do cotidiano de ocupação daquele espaço por famílias, casais, jovens e crianças negras, todos em pura fruição de um espaço público aparentemente desprovido de elementos e signos que caracterizem o racismo estrutural vigente neste país. Lidas em conjunto, as imagens parecem operar no âmbito da suprarrealidade. Ao mesmo tempo que são documentais e diretas, configuram por outro lado uma narrativa de aparente surrealidade, por confrontar o olhar naturalizado e hegemônico que constrói e sustenta as narrativas prevalentes da estrutura estamentária e racial do país, que sistematicamente excluem e invisibilizam a possibilidade de cenas como as construídas e reveladas por Firmo em Piatã.

Por meio de uma poética própria, a fotografia de Walter Firmo constrói, em suas múltiplas vertentes, as sintaxes e sínteses de mensagens capazes de penetrar as estruturas sociais e culturais, transformando-as.

**Sergio Burgi**, curador

**Janaina Damaceno Gomes**, curadora adjunta

# Cronologia de Walter Firmo

Andrea Wanderley

## 1937

Carioca do Irajá, Walter Firmo Guimarães da Silva nasce em 1º de junho, filho único dos paraenses José Baptista da Silva e Maria de Lourdes Guimarães da Silva. Segundo Firmo, foi criado “sob as estrelas suburbanas na altura do Méier”.

## 1952-1954

Começa a se interessar por fotografia e consegue sua primeira Rolleiflex. Faz um curso na Associação Brasileira de Arte Fotográfica (Abaf). Passa a fotografar a família e colegas de escola e bairro. Frequenta assiduamente a livraria e banca de revistas do aeroporto Santos Dumont, onde folheia revistas ilustradas internacionais, como *Life*, *Paris Match* e *Oggi*, analisando o trabalho de fotojornalistas estrangeiros, ao mesmo tempo que lê a revista *O Cruzeiro*, com trabalhos dos fotógrafos José Medeiros, Luciano Carneiro e Jean Manzon, entre outros.

## 1955-1959

Trabalha no jornal *Última Hora*, inicialmente como aprendiz e depois como fotógrafo profissional. Publica, entre 1957 e 1959, artigos semanais na coluna “Atrás do gol” deste jornal.

## 1957

Serve no 1º Regimento de Infantaria do Exército,

onde conhece o jornalista e futuro crítico musical Sérgio Cabral, que reencontra, em torno de 1959, quando Cabral é repórter do *Diário Carioca*. Firmo credita a ele e ao compositor e poeta Hermínio Bello de Carvalho seu livre trânsito pelo mundo do samba.

## 1960

Começa a trabalhar no *Jornal do Brasil* no mês de janeiro, no momento de consolidação da reforma gráfica do jornal, a partir do qual a fotografia passa a ter forte protagonismo. Está presente na primeira página do jornal com grande destaque.

## 1961

Participa da primeira exposição nacional de fotojornalismo, no saguão do aeroporto Santos Dumont.

## 1963

Em 6 de agosto, nasce Aloísio Firmo, seu filho com Maria do Carmo.

## 1964

Publica a série de reportagens “100 dias na Amazônia de ninguém” no Caderno B do *Jornal do Brasil*, com textos e imagens suas. Por esse trabalho, recebe o Prêmio Esso de Reportagem de 1963, o terceiro conquistado por profissionais do *Jornal do Brasil*.

## 1965

Sai do *Jornal do Brasil* e passa a integrar a primeira equipe da revista *Realidade*, em São Paulo.

## 1966

Em abril, é lançada a revista *Realidade*. A reportagem “Brasileiros go home”, de Firmo e Luis Fernando Mercadante, publicada na primeira edição, rendeu à revista seu primeiro Prêmio Esso de Reportagem. Volta para o Rio e vai trabalhar na revista *Manchete*. Vendo os ensaios fotográficos do fotógrafo norte-americano David Drew Zingg, publicados na revista, passa a dedicar-se à cor, na qual se tornará um virtuoso.

## 1967

Em 5 de janeiro, nasce Eduardo Firmo, seu filho com Dionéia.

Realiza suas icônicas fotografias de Pixinguinha, no quintal da casa do músico, durante a produção de uma matéria para a revista *Manchete*, com o então repórter Muniz Sodré. É correspondente, durante cerca de seis meses, da Editora Bloch, em Nova York, realizando reportagens nos EUA, México, Canadá, Jamaica, Haiti, República Dominicana, Porto Rico e outros países do Caribe. Influenciado pelo movimento *black power*, deixa seu cabelo

crescer no estilo *black is beautiful*. Ao retornar ao Brasil, passa a atuar de forma mais intensa no combate à discriminação racial, por meio da construção de imagens icônicas de importantes nomes da cultura negra e da permanente valorização da população negra do país em seu trabalho fotográfico.

## 1971

É citado no verbete “Fotografia” da Enciclopédia Britânica. Sai da revista *Manchete* e torna-se *freelance*.

## 1972

Começa a fotografar para a indústria fonográfica e inicia sua pesquisa fotográfica sobre as festas do folclore brasileiro. Trabalha na revista *Veja* como *freelance*.

## 1973

Com Klaus Mayer e Sebastião Barbosa, funda a agência Câmera 3, da qual sai em 1974. Entre 1973 e 1982, é premiado sete vezes no Concurso Internacional de Fotografia da Nikon.

## 1974

De 1974 a 1979, trabalha na revista *Veja*. Lançamento do livro *As escolas de samba: o quê, quem, como, quando e por quê*, de Sérgio Cabral, com fotos de Walter Firmo e

prefácio de Lúcio Rangel, pela Editora Fontana.

## 1979-1980

Trabalha cerca de nove meses na revista *Tênis Esporte*, da Rio Gráfica, sendo o autor da fotografia de capa da primeira edição: Pelé com duas bolas de tênis no lugar dos olhos.

## 1979

Fotografa Clementina de Jesus na casa em que a cantora vivia em Lins de Vasconcelos.

## 1981-1984

Como *freelance*, trabalha para estatais, como Furnas e Petrobras, e também para a indústria fonográfica.

## 1982

Com os fotógrafos Cafi, Pedro de Moraes e Miguel Rio Branco, lança uma edição de 24 cartões-postais em preto e branco sob o título *Os brasileiros*, com prefácio de Darcy Ribeiro.

## 1983

No Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, é realizada *Ensaio no tempo*, exposição retrospectiva de 25 anos de carreira do fotógrafo. Sob a curadoria de Zeka Araújo, são exibidas 200 fotografias em cores e em preto e branco. A exposição é apresentada em São Paulo, Fortaleza, Buenos Aires, Curitiba, Havana e Cabo Verde.

## 1984

Coordena a Oficina Fotográfica da III Semana Nacional de Fotografia, em Fortaleza, e a oficina *Como fazer uma reportagem*, no III Colóquio Latino-Americano de Fotografia, em Havana, Cuba.

## 1985

A convite de João Farkas, na época chefe da editoria de fotografia da *IstoÉ*, começa em julho a trabalhar na

sucursal carioca da revista, até julho de 1986. Fotografa personalidades como Paulo Moura e Celso Furtado. Na *IstoÉ* de 31 de julho de 1985, publicação da matéria “Quando explode a vida”, sobre Arthur Bispo do Rosário, primeira reportagem sobre o artista na grande imprensa.

Ganha o Prêmio Golfinho de Ouro do Governo do Estado do Rio de Janeiro na categoria Fotografia, pela “sensibilidade de suas fotografias, em especial, a poética do povo brasileiro e sua realidade”.

## 1986

É nomeado pelo ministro da Cultura, Celso Furtado, diretor do Instituto Nacional de Fotografia, da Funarte, cargo que exercerá até 1991.

Em Paris, é inaugurada, em novembro, a exposição *Espelho rebelde: fotografia brasileira contemporânea*, durante o festival Mês da Fotografia em Paris, com curadoria de Pedro Vasquez, que reúne 12 fotógrafos, Firmo entre eles. A mostra é apresentada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1990.

## 1987

Nomeado conselheiro do Conselho Nacional do Direito Autoral.

## 1989

Publicação de *Walter Firmo – antologia fotográfica*, pela Editora Dazibao.

## 1990

Vai para Áquila, na Itália, para acompanhar a apresentação de artistas brasileiros, como Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil, no Festival Ecológico Último Grito. Firmo e o artista plástico Rubens Gerchman realizam exposições em Moscou, em setembro.

## 1991

Volta a trabalhar como *freelance*. Na primeira exposição da Coleção Pirelli/Masp de Fotografia, são reunidas produções de diversos fotógrafos, dentre eles Bob Wolfenson, Claudia Andujar, Mario Cravo Neto, Maureen Bisilliat, Otto Stupakoff, Sebastião Salgado e Walter Firmo. Depois de expostas na mostra, as imagens são incorporadas à coleção, que integra o acervo do Masp.

## 1992

Começa a ensinar fotografia na FotoRiografia, escola dirigida por Ivan Lima no Rio de Janeiro. Em homenagem ao centenário do escritor Graciliano Ramos, realiza uma exposição na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, com fotografias que refazem o trajeto do escritor em Maceió, Palmeira dos Índios e Quebrângulo. No Festival de Junho de Zurique, é apresentada exposição de diversos fotógrafos brasileiros, dentre eles Firmo e Rogério Reis. Participa do Festival Fotofest em Houston, EUA. Associa-se aos fotógrafos Ana Jobim, Luiz Garrido e Peter Feibert na agência Econews Brasil.

## 1993

Entre junho e dezembro, viaja de Parintins à ilha de Marajó, na região amazônica, para retratar o povo e a natureza. O resultado é mostrado na exposição *Ribeiros amazônicos*, em Belém, e depois no Rio de Janeiro. Criação do Projeto Foto in Cena, a partir do encontro de fotógrafos durante curso ministrado por Firmo. Ao longo dos anos, o projeto realiza eventos, organiza uma escola e uma agência de

fotos. Lançamento do livro *Cadeia*, sobre Graciliano Ramos, escrito por Clara Ramos, filha do escritor, e ilustrado com fotografias de Walter Firmo.

## 1994

Participa da exposição *Ruas do Rio – Caminhos da história*, no Centro Cultural Banco do Brasil. Leciona no curso de jornalismo da Faculdade Cândido Mendes e também na Escola Foto in Cena, hoje Ateliê da Imagem. Inauguração das exposições individuais *Achados e perdidos*, na Galeria Cândido Mendes, e *Paixão e morte segundo Walter Firmo*, no Centro Cultural da Light, ambas no Rio de Janeiro. Curador do 1 Salão Finep de Fotojornalismo.

Reintegrado à Funarte, volta a trabalhar na área de fotografia, aposentando-se em 2007. Participa da exposição coletiva *O negro brasileiro*, na Universidade de Miami, Flórida.

## 1995

Suas obras participam da exposição *Fotografia contemporânea brasileira*, da coleção Joaquim Paiva, no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Faz parte do primeiro grupo que deixou registradas suas mãos no concreto do Muro da Fama do Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, juntamente com Anselmo Duarte, Paulinho da Viola, Emilinha Borba e Jô Soares.

## 1996

Publicação do livro *Nas trilhas do Rosa*, pela Editora Scritta, com fotos de Firmo e texto do jornalista Fernando Granato. Eles refizeram as andanças do escritor Guimarães Rosa pelo sertão de Minas Gerais, usando como guia a caderneta de notas levada pelo escritor em suas viagens.

## 1997

Exibição do filme *O Brasil de Walter Firmo*, de Ana Lopes, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna, durante o Festival Nacional/Brasilidade. São realizadas as exposições individuais *O Brasil de Walter Firmo*, na Galeria Arte Hoje, no Rio de Janeiro, e *Pixinguinha e outros batutas*, na Pinacoteca do Estado, em São Paulo.

## 1999

Vive seis meses em Paris, como parte do prêmio da Bolsa de Artes do Banco Icatu. Nos dois primeiros meses, estuda francês e, nos quatro seguintes, sai diariamente flanando e fotografando a cidade. Os registros são mostrados no ano seguinte na exposição *Paris, parada sobre imagens*, realizada na Galeria Debret em Paris.

## 2000

Curador do Módulo de Fotografia Contemporânea na mostra *Negro de corpo e alma*, na Exposição do Redescobrimento Brasil + 500 anos, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Em outubro, inauguração da exposição *Inéditos de Walter Firmo*, na Galeria Câmara Clara, no Rio de Janeiro.

## 2001

Ministra a aula inaugural da oficina de fotografia, na Casa das Artes da Mangueira. No Museu Histórico Nacional, participa da exposição coletiva *Negras memórias, memórias de negros – O imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão*, organizada por Emanuel Araujo e apresentada no ano seguinte na Galeria de Arte do Sesi, em São Paulo. Lançamento do livro *Paris: parada sobre imagens*, editado pela Funarte, com

fotografias de Firmo, seguido por exposições no Rio de Janeiro e em São Paulo e, no ano seguinte, em Brasília, Belém e Vitória.

## 2002

Lançamento do curta-metragem *Pequena África*, idealizado e dirigido por Zózimo Bulbul, do qual Firmo foi o diretor de fotografia. Entre 2002 e 2007, frequenta e fotografa cultos religiosos de matriz africana.

## 2003

Abertura da exposição individual *Um passeio pela nobreza*, na Pequena Galeria 18, no Rio de Janeiro, com flagrantes de vários artistas da música popular brasileira, como Cartola, Chico Buarque, Clementina de Jesus, Paulinho da Viola e Pixinguinha. Firmo e o fotógrafo Haruo Ohara são homenageados na exposição da coleção Pirelli/Masp, na Casa França-Brasil.

## 2004

Recebe a Comenda da Ordem do Rio Branco, concedida pelo Ministério das Relações Exteriores, e a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Ministério da Cultura. Promove *workshops* de fotografia na França e em Cuba, quando produz o ensaio fotográfico *Românticos de Cuba*. No Centro José Bonifácio, na Gamboa, Rio de Janeiro, é um dos fotógrafos da exposição *Dez artistas nota dez*.

## 2005

Lançamento do livro *Firmo fotografia* pela Editora Bem-Te-Vi, organizado por Lélia Coelho Frota. A exposição *Impressões digitais*, na Galeria do Centro de Cultura e Comunicação do Senac no Rio de Janeiro, apresenta fotografias digitais produzidas por Firmo durante uma viagem para o sul do Brasil.

Recebe a Comenda Orilaxé 2005, concedida pelo Afro Reggae Grupo Cultural, em virtude do trabalho dedicado à negritude brasileira.

## 2006

Concede entrevista para a série *Depoimentos para a posteridade*, do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Participa da exposição *Black Is Beautiful*, na Bienal Internacional de Fotografia de Amsterdã.

## 2007

No Centro Cultural da Justiça Federal, no Rio de Janeiro, é curador e um dos expositores da mostra *No ventre azul e branco – Tempo de Iemanjá*. Na Galeria de Arte LGC Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, exposição reúne trabalhos inéditos, em comemoração aos 50 anos de carreira. Lançamento do livro *Álbum de retratos: Walter Firmo*, pela Editora Mauad, organizado por Cora Rónai.

## 2008

Publica o livro *Brasil: imagens da terra e do povo*, editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e organizado por Emanuel Araujo. Curador do livro *África em nós*, lançado pela Editora Assaoc. Exposição *Corpo e alma*, na Galeria Imã, de São Paulo.

## 2010

Participa do Festival *Back 2 Black*, na Estação Leopoldina, no Rio de Janeiro.

## 2011

Exposição *Véus* na Galeria do Ateliê da Imagem, no Rio de Janeiro, composta de 20 fotografias em preto e branco de sua autoria.

## 2012

Nomeado embaixador do turismo do Rio de Janeiro.

## 2013

Publicação do livro *Walter Firmo – Um olhar sobre Bispo do Rosário*, pela Nau Editora, organizado por Flávia Corpas.

## 2018

Exposição *O Brasil que merece o Brasil*, no Centro Cultural Vale, em São Luís, Maranhão. Em maio, o arquivo fotográfico de Walter Firmo, com cerca de 140 mil imagens, passa a estar abrigado em regime de comodato no Instituto Moreira Salles.

## 2019

Inicia os trabalhos de organização do acervo no Instituto Moreira Salles e grava os primeiros depoimentos sobre sua vida e trajetória, em vídeos produzidos pelo fotógrafo Egberto Nogueira.

## 2020-2021

Recluso durante a pandemia, continua a trabalhar intensamente de forma remota na organização de seu acervo. Em paralelo, compartilha nas redes sociais fotografias produzidas com seu telefone celular.

## 2022

Exposição e catálogo *Walter Firmo – No verbo do silêncio a síntese do grito*, no IMS Paulista e no CCBB RJ, em comemoração aos seus 70 anos de prática fotográfica ininterrupta.

Realização  
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

Patrocínio  
BANCO DO BRASIL

Organização  
INSTITUTO MOREIRA SALLES

Curadoria  
SERGIO BURGI

Curadoria Adjunta  
JANAINA DAMACENO GOMES

Assistente de Curadoria  
ALESSANDRA COUTINHO

Pesquisa  
ANDREA WANDERLEY

Consultoria  
WALTER FIRMO

Ampliações e Impressões  
NÚCLEO DE FOTOGRAFIA E NÚCLEO  
DIGITAL IMS

Projeto Educativo  
NÚCLEO EDUCATIVO IMS

Agradecimentos  
BIZA VIANNA, CENTRO AFRO CARIOCA DE  
CINEMA, COLEÇÃO DE ARTE VISUAL DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS  
(IEB-USP), EDUARDO FIRMO, EGBERTO  
NOGUEIRA/IMAFOTOGALERIA, MARCIO  
SCAVONE, MARIA DO LIVRAMENTO  
MACHADO, MUSEUS CASTRO MAYA/IBRAM,  
NABOR JR. E WAGNER FIRMO

Produção  
TISARA ARTE PRODUÇÕES

Coordenação Geral de Produção  
MAURO SARAIVA

Produção Executiva  
ANDRÉ FERNANDES

Projeto Expográfico e Identidade Visual  
BLOCO GRÁFICO

Assessoria de Imprensa  
BEATRIZ CAILLAUX |  
MIDIARTE COMUNICAÇÃO

Iluminação  
BELIGHT

Montagem  
KBEDIM

Projeto Educativo  
SAPOTI

Transporte  
MILLENIUM TRANSPORTES

Produção

| TISARA

Realização

 InstitutoMoreiraSalles

